

Apresentação

Luiz Rojo
Wagner Camargo
Mariane Pisani

A proposta deste compêndio é inédita no sentido de que até hoje não houve uma tentativa de sistematizar as discussões relativas ao futebol e às práticas esportivas, oriundas dos GTs ocorridos em eventos brasileiros e do Mercosul, dentro da Antropologia, desde que o fórum específico para esse debate de ideias foi criado em 2000 e do qual logo falaremos. As pesquisas têm se avolumado nos últimos anos e ampliado a produção de conhecimentos no que se conhece como campo esportivo das ideias em âmbito antropológico. É nesse momento, portanto, que aproveitamos para organizar essa contribuição, que pretende deixar registrado algo dessa trajetória.

Como Pablo Alabarces afirma em seu texto nesta coletânea, definir o marco de fundação de um campo de estudos dentro da Antropologia não é uma tarefa simples. A "Antropologia dos Esportes" no Brasil pode, em uma leitura mais generosa, ter seus primeiros escritos datados dos anos trinta do século XX – portanto, há quase cem anos – com as formulações sobre o estilo brasileiro de jogar futebol, presentes na obra de Gilberto Freyre. Em uma perspectiva mais difundida, essa primazia oscila entre a dissertação de mestrado de Simoni Lahud Guedes (GUEDES, 1977) e a coletânea "O universo do futebol", de 1982, organizada por Roberto DaMatta (DAMATTA, 1982).

Esta obra, mais do que elencar algumas elaborações sobre o futebol, teve o papel de emprestar reconhecimento a este nascente campo de estudos dentro da academia brasileira. "Isto porque Roberto DaMatta, já amplamente legitimado e reconhecido no campo da antropologia brasileira, legitimava também o objeto" (GUEDES, 2017, p. 366). Porém, a contribuição de DaMatta não se limita a esse papel.

Embora sem realizar pesquisas empíricas, seu ensaio na coletânea mencionada trouxe considerações sobre a dimensão ritual presente no futebol, a qual o autor irá retomar e aprofundar em posterior análise comparativa entre a relação da sociedade brasileira com a Copa do Mundo e com os Jogos Olímpicos (DAMATTA, 2003). Desse modo, em que pese a generalização de suas análises para a "sociedade brasileira" e a ausência de dados etnográficos, DaMatta pode ser considerado um dos precursores dos estudos não apenas sobre o futebol no Brasil, como sobre a potencialidade de um estudo comparativo entre o futebol e os demais esportes – no caso, os Jogos Olímpicos – abrindo um campo ainda não completamente explorado.

De qualquer forma, dos tempos damattianos à atualidade, vimos vários(as) antropólogos(as) sendo formadas(os), nas gerações seguintes. Cada um a seu modo, tanto Guedes quanto DaMatta inspiraram colegas a tomar o esporte como mote de uma analítica do social, e muitas investigações (primeiro muito sobre o futebol e depois acerca de outros esportes) foram sendo desenvolvidas.

Ainda um autor contemporâneo de DaMatta e Guedes que merece destaque pela produção ao longo dos anos 1980-1990 e pela atuação marcada no Museu Nacional (da Universidade Federal do Rio de Janeiro) é José Sérgio Leite Lopes. Ensaios decisivos como *A morte da Alegria do Povo* (LOPES; MARESCA, 1992) e *A vitória do futebol que incorporou a pelada* (LOPES, 1994), entre outros escritos subsequentes, influenciaram e balizaram muitas investigações antropológicas em todo o país.

As publicações de Leite Lopes também alcançaram repercussão fora do Brasil, notadamente no contexto científico das Ciências Sociais da França, a partir de um diálogo direto na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), particularmente com Pierre Bourdieu e Roger Chartier. Uma vez vertidos ao francês, os artigos desse antropólogo, colaboraram para projetar os estudos futebolísticos brasileiros na Europa.

Dois herdeiros dessa tradição de pensamento e que trilharam caminhos originais nos debates de uma nascente Antropologia dos Esportes brasileira foram Luiz Henrique de Toledo (orientado por José Guilherme Magnani, da Universidade de São Paulo) e Arlei Sander Damo (orientado por

Ruben Oliven, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Eles se mantiveram firmes no propósito de dar contornos a um campo ainda incipiente, sem perder de vista diálogos com uma formação mais ampla de rebentos, tanto das Ciências Sociais, quanto da Educação Física. Talvez possam ser considerados a segunda geração a partir da qual uma plêiade de outros e outras investigadores(as) sociais vão tematizar, particularmente o futebol, como fonte pesquisa.

Se Toledo, a partir das pesquisas de mestrado e doutorado, respectivamente materializadas nas obras *Torcidas de Organizadas de Futebol* (1996) e *Lógicas no Futebol* (2002), vai se tornar uma referência no tratamento analítico de questões que envolviam o futebol, Damo vai ser influenciado por ele e ambos vão estabelecer uma parceria que, durante vários encontros nacionais (tanto da Associação Brasileira de Antropologia, quanto da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais), funcionará como uma "tabelinha" entre dois jogadores, a partir da qual as novas "jogadas" e "estratégias" contribuiriam, pouco a pouco, para a solidificação das pesquisas com temática de uma Antropologia dos Esportes. Como Damo diz sobre a produção dos anos 1980-90: "Ielal é, em boa medida, o resultado de um projeto coletivo não intencional, de intenso diálogo entre as produções que foram se acumulando lentamente no período" (DAMO, 2018, p. 45).

Ambos pesquisadores são presenças incontestes no meio, e de extrema relevância teórica e empírica. De Damo, salienta-se, em especial, sua leitura crítica em relação a DaMatta (1998), principalmente, no debate que instaura na proposição de uma chave analítica crítica de superação os fundamentos de um "pai fundador" do campo, e também sua investigação resultante de tese doutoral (DAMO, 2007), que foca na matriz do futebol espetacular, no mercado da bola, no clubismo e no quanto tais dimensões inter-relacionadas estão longe de preparar jogadores para o campo profissional.

Do desenvolvimento aqui e acolá de diálogos e reflexões antropológicas acerca do esporte e suas práticas corporais e de lazer, um momento é incontroverso na trajetória de consolidação desse campo na Antropologia brasileira. Na 22ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em Brasília, no ano 2000, foi organizado, pela primeira vez, um Fórum de Pesquisa, como

se chamou naquela ocasião o que viriam a ser os GTs de hoje. Chamado "Futebol, Antropologia e Imagem", coordenado pelo já citado prof. José Sérgio Leite Lopes e pela prof.^a Carmen Silvia de Moraes Rial, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), figuraria como o primeiro esforço no sentido de institucionalizar o esporte sob análise socioantropológica.

Estamos, nesse sentido, comemorando vinte anos de uma trajetória que partindo dos estudos sobre o futebol, como o próprio nome daquele Fórum de Pesquisa indicava, se complexificou e ampliou para abarcar outras modalidades esportivas. Conforme destacou Simoni Guedes, há dez anos:

A legitimação dos estudos sobre lazer e esportes na Antropologia brasileira, concomitante ao crescimento extraordinário das pós-graduações nas duas últimas décadas, ocasionou notável crescimento da produção de livros, teses, dissertações e monografias, nas mais diversas instituições brasileiras, cobrindo variados aspectos das práticas esportivas. Nesse período, dois deslocamentos importantes começam a ocorrer: esses estudos se autonomizam, paulatinamente, em relação aos estudos sobre o lazer; e amplia-se o escopo empírico, introduzindo novas questões, deixando de ser uma Antropologia do futebol para transformar-se em uma Antropologia das práticas esportivas (GUEDES, 2010, p. 442).

Portanto, as metamorfoses a que vem sendo alvo e mesmo suas múltiplas nomações (seja a mais tradicionalmente utilizada, Antropologia dos esportes, seja a Antropologia das práticas esportivas, como defende Luiz Henrique de Toledo nesta coletânea), o campo busca além da legitimação, uma vinculação profícua com outras áreas do conhecimento; tanto com aquelas já consolidadas (por exemplo, estudos de gênero, etnicidade, etnologia e política), quanto com outras igualmente emergentes na Antropologia brasileira, como as áreas do turismo e das emoções, entre outras, no sentido que os diversos capítulos desta coletânea procuram abarcar. A própria autora supracitada já reconheceu isso anteriormente: "E, por dialogarem os estudos sobre esporte com outros temas clássicos das Ciências Sociais, entre eles identidade social, relações raciais, gênero e sociabilidade, muito de sua produção encontra-se inserida em temáticas mais amplas" (GUEDES, 2010, p. 432).

Durante esses vinte anos, para além desse intenso diálogo interdisciplinar, duas questões merecem ser destacadas na trajetória do grupo. A primeira delas é que, em que pese os estudos sobre a temática futebol terem sido numericamente hegemônicos, nas duas primeiras RBAs, como indica a tabela adiante, seu peso simbólico (atestado pela continuidade temática nas apresentações dentro do grupo de trabalho, característica de pesquisas consolidadas, frente a trabalhos extemporâneos) apenas recentemente se nuançou em relação às pesquisas sobre outras práticas esportivas.

Tabela 1 – Distribuição de trabalhos por tema nas RBA.

Edição	Trabalhos sobre futebol	Trabalhos sobre outros esportes
22ª ABA – Brasília (DF) - 2000	7	0
23ª ABA – Gramado (RS) - 2002	22	14
24ª ABA – Recife (PE) - 2004	9	12
25ª RBA – Brasília (DF) - 2006	9	7
27ª RBA – Belém (PA) - 2010	12	8
28ª RBA – São Paulo (SP) - 2012	17	12
29ª RBA – Natal (RN) - 2014	10	17
30ª RBA – João Pessoa (PB) - 2016	18	17
31ª RBA – Brasília (DF) - 2018	13	9

Fonte: Dados oriundos de anotações (ROJO, 2018).

A segunda questão é que, no decorrer do crescimento desse campo de estudos antropológicos, tivemos que lidar com dois momentos decisivos na conformação e continuidade do GT. O primeiro deles ocorreu em 2008, quando o grupo de trabalho sobre Antropologia dos Esportes, proposto para a 26ª RBA, não foi aceito pela organização do evento. O que poderia ser um motivo de desânimo e de abandono de uma temática que ainda lutava para se legitimar gerou, no entanto, não apenas uma reação por parte das principais lideranças de nossa área, como também um fortalecimento na construção de nosso campo. Como uma de suas consequências, esse fato

está na raiz de nosso segundo momento decisivo, desta vez de teor diametralmente oposto. Durante a organização prévia do GT para a 28ª RBA, em São Paulo, frente a uma enorme quantidade de resumos encaminhados, deparamo-nos com o seguinte dilema: como dar conta, dentro do limite de apresentações estipulado pela coordenação do evento, de garantir a renovação, incorporando uma série de novas pessoas que enviavam seus resumos, sem excluir os "veteranos" que mantinham participação ativa.

Assim, uma solução foi encontrada em reunião ocorrida logo após a apresentação dos trabalhos, na qual decidimos passar a propor dois GTs articulados: um grupo mais amplo, abarcando o conjunto das proposições relativas a qualquer aspecto da Antropologia dos Esportes e um segundo no qual, a cada evento e sempre de forma articulada com os grupos de trabalho sobre esportes nas RAM (Reunião de Antropologia do Mercosul), fosse abordada uma temática específica (gênero, corporalidade, emoções, entre outras), de modo a permitir um maior aprofundamento teórico de tais questões. Durante os anos em que o país viveu a realização de vários eventos esportivos de grande importância, essa decisão foi histórica para consolidar um trabalho que estava em desenvolvimento e que se projetava para o futuro.

É nesse contexto que esta coletânea se propõe a, simultaneamente, celebrar esses vinte anos de participação dos estudos sobre esportes nas Reuniões Brasileiras de Antropologia (RBA), realizando um balanço desses diálogos entre nosso campo de pesquisas e as diversas áreas com as quais construímos interlocução durante esse período, e apontar novos caminhos para as próximas etapas de construção da Antropologia dos Esportes no Brasil (bem como no aprofundamento de suas relações internacionais que se consolidaram durante esses vinte anos iniciais). Cada capítulo, portanto, pretende indicar como essa relação entre estudos e uma área temática específica interagiram, indicando potenciais desdobramentos teóricos e etnográficos para futuras investigações.

Haveria muitas possibilidades de organizar os capítulos, cada uma delas enfatizando determinado olhar para a construção desse campo na Antropologia brasileira e seus diálogos internacionais. Dessa forma, inclusive

para reforçar a trajetória pela qual a área da Antropologia dos Esportes se constituiu e como, nesse processo, os diversos diálogos aqui realizados contribuíram para a consolidação do GT, optamos por uma organização que acompanhasse o período no qual cada um dos temas abordados surgiu nos Grupos de Trabalho de Antropologia dos Esportes, nas diversas Reuniões Brasileira e do Mercosul de Antropologia nestas duas décadas.

De modo a facilitar a identificação dessa trajetória, colocamos no título de cada capítulo o ano em que cada temática apareceu pela primeira vez em nossas sessões. Nesse sentido, vale destacar que não necessariamente os autores que escrevem aqui foram os que apresentaram tais temáticas nos GTs formados nos eventos.

Portanto, iniciamos nossa coletânea com a contribuição de Luiz Henrique de Toledo, um dos primeiros a participar dos GTs de Antropologia dos Esportes nas RBAs. Em seu capítulo ele analisa como as práticas esportivas, em particular as interações presentes nas torcidas organizadas de clubes de futebol, permitem uma incursão etnográfica sobre o conceito de sociabilidade. Inicialmente apresentando o percurso por meio do qual o conceito de sociabilidade percorreu nas Ciências Sociais até chegar aos estudos das práticas esportivas, o autor desdobra o rendimento desse conceito na análise particular das sociabilidades entre torcedores, para a qual deu fundamental contribuição teórica com sua obra.

Ainda na primeira RBA em que o tema dos esportes surgiu, tivemos trabalhos que discutiram as questões do gênero, da etnicidade e um diálogo com a Etnologia, que aqui são representados pelas contribuições de Leonardo Turchi, Mariane Pisani e Carlos Eduardo Costa. Leonardo Turchi Pacheco nos traz, no capítulo dois, por meio de suas pesquisas sobre futebol, vôlei e rúgbi – no imbricamento com a mídia esportiva –, alguns caminhos para o entendimento do contato entre a Antropologia dos Esportes e os estudos de masculinidade/gênero. O autor mostra como, na trajetória de pesquisas sobre tais modalidades e na tessitura de sua produção científica, houve um empenho em compreender a masculinidade e a feminilidade nos esportes como construções sociais, dadas pelas relações de poder engendradas nos espaços da prática e do discurso no próprio campo.

Em seguida, Mariane da Silva Pisani, no terceiro capítulo, apresenta algumas reflexões sobre como as relações étnico-raciais aparecem inseridas nas práticas esportivas e/ou de lazer. A autora demonstra como esse Marcador Social da Diferença é uma categoria extremamente relevante e atual para pensar o lugar da mulher negra no espaço esportivo brasileiro, especificamente no futebol. O futebol praticado por mulheres, por sua vez, é a temática sobre a qual a autora pesquisa e estuda desde o ano de 2011, e as relações étnico-raciais são extremamente importantes neste contexto esportivo, conforme sua pesquisa científica.

Fechando esse primeiro bloco, Carlos Eduardo Costa irá abordar, no capítulo quatro, as práticas esportivas em populações indígenas, destacando as relações entre os estudos dos esportes e a etnologia indígena. Partindo da análise dos rituais e mitos envolvidos na luta alto-xinguana que encerra um ritual pós-funerário, o autor apresenta algumas das possibilidades de interação entre as pesquisas realizadas na área das práticas esportivas e aquelas mais tradicionais feitas entre populações indígenas. Nesse processo, o entendimento da entrada do futebol nas comunidades indígenas passa por uma análise que enfatiza sua relação com a constituição da ideia de nacionalidade e com um investimento estatal que busca alterar as práticas tradicionais e os valores centrais de tais comunidades.

Dois anos depois, na segunda participação do tema dos esportes na RBA, em 2002, consolidamos a diversidade de questões abordadas com a presença de seis novos campos de diálogo. Particularmente, nesse ano iniciamos um profícuo intercâmbio internacional, que é aqui representado, no capítulo cinco, pelo trabalho de Lía Ferrero, que contribui para situar o campo de estudos desenvolvidos no Brasil dentro de um contexto mais amplo, do qual ela própria é uma das principais vertentes, particularmente nas Reuniões de Antropologia do Mercosul (RAM). Realizando uma tarefa de recenseamento histórico das diversas temáticas abordadas pelos GTs ligados às práticas esportivas e de lazer nesses eventos, ela identifica o processo pelo qual o grupo conseguiu diversificar e complexificar suas análises, ampliando não apenas seus objetos – inicialmente muito identificados com o futebol – mas, principalmente, seus referenciais teóricos. Dessa forma,

Lía Ferrero finaliza seu capítulo apresentando caminhos possíveis para a maior inserção do campo da Antropologia dos Esportes no rol das temáticas centrais de nossa disciplina, de modo a abandonar uma posição periférica à qual ainda estaria relegada.

Pablo Alabarces, por sua vez, vai além de fazer uma justa homenagem à Professora Simoni Guedes que, como já assinalado, foi o ponto de partida para a constituição desse campo na Antropologia brasileira e latino-americana. Ele nos indica como, nessa fundação, a dimensão política da Antropologia dos Esportes era um componente inseparável de sua constituição, dada a necessidade de se contrapor ao rótulo de "ópio do povo" com o qual não apenas o futebol, mas uma série de manifestações culturais das classes trabalhadoras era entendido. Portanto meio da opção de acompanhar a produção teórica e etnográfica de Simoni Guedes, o autor vai desenhando a construção de um campo que não pode ser senão político, porque mediante o esporte analisa, interpreta e discute nosso devir como sociedade hierárquica, injusta, periférica e pós-colonial. Foi nesse segundo encontro que também iniciamos uma importante interlocução com os estudos de mídia e comunicação e com os estudos históricos, aqui representados por dois de seus principais expoentes.

Dessa forma, Édison Gastaldo, no capítulo sete, discorre sobre os produtivos diálogos "indisciplinados" entre a Antropologia, a Comunicação e outros saberes do que denomina como "estudos sociais do esporte". Desde os primeiros momentos, os discursos midiáticos têm sido simultaneamente objeto de análise e fonte de dados para as pesquisas antropológicas, e o olhar de Gastaldo recenseia parte dessa produção, majoritariamente realizada durante os vinte anos de existência do GT nas Reuniões Brasileiras de Antropologia.

Víctor Melo, uma das pessoas que participou desde o início dos diálogos entre a Antropologia e a História na constituição do campo de estudos sobre os esportes no país, apresenta-nos, no capítulo oito, como a formação desse campo acadêmico se realizou de forma praticamente simultânea nas duas ciências irmãs, articulando elementos teóricos – tais como a valorização do conceito de cultura, a reflexão sobre as práticas, en-

tre outros espaços de diálogo que atravessavam as duas áreas – e a própria construção dos espaços nos quais essa elaboração adquiria legitimidade institucional e concretude em terreno brasileiro, como na Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) e nos encontros da Associação Nacional de História (Anpuh). Seu artigo finaliza com um inventário dos temas que permitiram e seguem permitindo não apenas este diálogo entre História e Antropologia, mas principalmente sua mútua colaboração. Finalizando o segundo bloco tivemos, ainda nessa segunda edição do evento, os primeiros trabalhos envolvendo as dimensões do corpo e da sexualidade que são, nesta coletânea, tematizados por Cilene Oliveira e Wagner Camargo.

No capítulo nove, Cilene Oliveira parte de suas pesquisas de mestrado e doutorado para discorrer sobre a profícua conversa entre as Antropologias do corpo e do esporte. Chamando a atenção para a presença ainda extremamente limitada de trabalhos que enfoquem as práticas esportivas em outros grupos de trabalho (tais como o de Saúde), ela aponta que a intensificação desse debate poderá contribuir para superar as barreiras que, muitas vezes, limitam as reflexões teóricas comparativas a partir de uma imersão exclusiva sobre os "objetos próprios" de cada área temática. Dessa forma, o estudo das corporalidades nas práticas esportivas, segundo a autora, não pode se realizar sem incorporar o diálogo com outras temáticas tais como de gênero, envelhecimento, emoções etc., o que tem sido um dos esforços constantes desde a construção do GT de Esportes nas RBAs.

Wagner Xavier de Camargo, no décimo capítulo, traz a sexualidade como uma temática controversa, mesmo para as abordagens mais progressistas na área de Antropologia. Relacionada aos estudos de gênero e deles signatária, a sexualidade é pouco ou nada desenvolvida como assunto de pesquisa dentro dos estudos sobre práticas esportivas, bem como sua tímida discussão na trajetória dos vinte anos dos GTs de Esporte. Da sexualidade ao gênero, o autor propõe-se a pensar, no contexto esportivo, como a centralidade do sexo mobiliza saberes e poderes em um tipo de controle mais sofisticado e complexo (o biopoder), que com suas tecnologias envolve elementos jurídicos e disciplinares de modalidades de poder passadas.

A partir de 2004 a relação entre esporte e religião passou a ser um tema discutido em diversas edições do evento. Sendo assim, no décimo primeiro capítulo, Carmen Rial, aborda a interface entre os estudos do esporte e a religião, um dos temas centrais da Antropologia mundial, a partir de suas etnografias com futebolistas brasileiros e brasileiras que percorrem o mundo e que, nos últimos anos, têm sido um dos grupos que ampliam a visibilidade das denominações neopentecostais. Seu escrito mostra como o esporte contribui tanto para a análise dos processos de migração e do fenômeno religioso, como para o acúmulo teórico dessas temáticas, propiciando novas reflexões para o campo da Antropologia dos Esportes. Dessa forma, as transformações dos estilos de vida e dos valores incorporados, relatadas em suas etnografias, permitiram a ela interpretar as conversões dos e das atletas a partir dos impactos que causam no desenvolvimento de suas carreiras e na construção ou reforço das redes que mantêm os vínculos simbólicos com o país de origem.

Dois dos mais recentes temas a serem incorporados ao diálogo com a Antropologia dos Esportes foram as emoções e o turismo, ambos em 2010, na 27ª RBA de Belém (PA). Para abrir o último bloco desta coletânea, portanto, Luiz Fernando Rojo discute, no capítulo doze, as potencialidades de colaboração recíproca entre a Antropologia das Emoções e a Antropologia dos Esportes. Partindo de uma perspectiva crítica ao estatuto das emoções no trabalho de Elias e Dunning sobre o lugar do esporte na contenção das emoções no processo civilizatório, o autor aponta como o diálogo entre as duas áreas pode contribuir para uma renovação teórica do debate no campo dos esportes. Ao mesmo tempo mostra como os trabalhos etnográficos, que abordam as práticas esportivas, podem colaborar no sentido de um adensamento na reflexão entre as interações entre emoção e corporalidade, reconhecidamente uma área que carece de maior aprofundamento.

Concluindo a trajetória apresentada em treze capítulos, Marília Bandeira irá discutir como as relações entre a Antropologia dos Esportes e os estudos sobre turismo se constituem, no Brasil, principalmente considerando os denominados esportes de aventura. Nesse diálogo, ao mesmo tempo em que as etnografias em ambientes esportivos trazem elementos

para problematizar leituras que apontam para um caráter democratizante do fenômeno turístico, as relações entre turismo, lazer e aventura problematizam a própria definição de esporte em sua associação com essas práticas.

Essas são algumas das conexões interdisciplinares desenvolvidas, nos últimos vinte anos, nos Grupos de Trabalho das Reuniões Brasileiras de Antropologia. Cabe ressaltar, como esperamos tenha ficado explicitado com as contribuições de Pablo Alabarces e, particularmente, com as de Lía Ferrero, a qual abordou os diálogos estabelecidos com o grupo de esportes nas Reuniões de Antropologia do Mercosul, que desde o início procuramos ultrapassar o marco de uma iniciativa que se restringisse às fronteiras nacionais.

Dessa forma, é possível afirmar que esses vinte anos marcam o coroamento de um duplo movimento. Por um lado, a existência do GT ajudou a consolidar a constituição de uma Antropologia dos Esportes brasileira, caracterizada pela pluralidade de áreas temáticas (que desde cedo ultrapassou o limite de uma antropologia do futebol) e de enfoques teóricos, fruto também do descentramento de sua produção que, apesar de uma relativa concentração nas regiões Sul e Sudeste, não se limitou a um ou poucos programas de pós-graduação, tendo rapidamente se difundido em termos nacionais. Por outro lado, procuramos dialogar com outras antropologias nacionais, beneficiando-nos não apenas do intercâmbio com a Argentina e com os demais países da América do Sul, mas também contribuindo com a formação das reuniões da Associação Latinoamericana de Antropologia (ALA), na qual as trocas com Roger Magazine e com o grupo de estudos que se consolidou em torno da "Red de Investigadores sobre Deporte, cultura física, ocio y recreación".

Nessa mesma direção, nos últimos três anos, a Antropologia dos Esportes brasileira jogou em um papel central na constituição da Comissão de Esportes da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES), que tem sido um espaço de interlocução global das diversas experiências nacionais nesse campo temático. E assim seguimos a trajetória.

Referências

DAMATTA, Roberto. Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do futebol no Brasil. *Antropolítica*, v. 14, p. 17-39, 2003.

DAMATTA, Roberto (Org.). *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 19-42.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec, 2007.

DAMO, Arlei Sander. Futebólis: da horizontalidade epistemológica à diversidade política. *FuLiA*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, 2018.

GUEDES, Simoni. Esporte, lazer e sociabilidade. In: MARTINS, Carlos B.; DIAS DUARTE, Luiz Fernando (Coords.). *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo: Anpocs, 2010. p. 431-456.

GUEDES, Simoni. *O Futebol Brasileiro: instituição zero. 1977*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.

GUEDES, Simoni. Sobre permanências e transformações em contextos acadêmicos-institucionais: um relato pessoal. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*, Niterói, v. 1, n. 42, p. 340-373, 2017.

LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada: A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. *Revista USP: Dossiê Futebol*, n. 22, p. 64-83, 1994.

LOPES, José Sérgio Leite; MARESCA, Sylvain. A morte da “alegria do povo”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)*, v. 20, p. 113-134, 1992.

ROJO, Luiz Fernando. Aspects of the Anthropology of Sports in Brazil. In: IUAES World Congress, 18., 2018, Florianópolis. *Comunicação oral* [...]. Florianópolis, 2018.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no Futebol*. São Paulo: Hucitec, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo: Autores Associados; Anpocs, 1996.